

O espaço para crescer...

por Celso Pinto
de Brasília
(Continuação da 1º página)

É claro que todas estas projeções eliminam o surgimento de imprevistos, como condições climáticas adversas na evolução da próxima safra agrícola. Mas é igualmente claro que sem um espaço para importações não há possibilidades de crescimento. E, de outro lado, está evidente que o problema do balanço de pagamentos continuará sendo a principal e mais complexa preocupação para o próximo ano e não é possível projetar qualquer tipo de crescimento que deixe de lado a idéia de manter e ampliar um saldo favorável na contas comerciais externas.

Este quadro de hipóteses do assessor da Seplan pressupõe um déficit em contas correntes, neste ano, próximo a US\$ 12 bilhões — um pouco inferior, em termos nominais, ao do ano passado, e razoavelmente menor se descontada a inflação do dólar. Para o próximo ano, imaginando ainda um custo elevado dos juros da dívida em função das taxas de juros internacionais — embora ligeiramente inferior a este ano —, este déficit em contas correntes cairia para a vizinhança dos US\$ 10 bilhões. Estaria sustentada, portanto, a idéia de reduzir, gradualmente, o déficit ao longo dos próximos 4 ou 5 anos.

É importante deixar claro, também,

que em nenhum momento se está questionando as diretrizes maiores da economia. O esforço continuaria sendo concentrado numa mudança do perfil da economia, em benefício do setor exportador, da substituição energética e da agricultura. Tampouco a perspectiva de um crescimento de 3 a 4% do PIB em 82 (com uns 3% ou pouco mais para a indústria e uns 6% para a agricultura) altera, substancialmente, o quadro de aperto vivido neste ano. Certamente, não repõe a necessidade de criação de novos empregos. Pode, no máximo, reduzir o nível de desemprego adicional gerado neste ano.

A visão do Banco Central e da Fazenda é bem mais cautelosa, ou conservadora. O importante, como argumenta a fonte credenciada do BC, é afastar, a qualquer custo, o perigo de se enfrentar uma crise cambial parecida com a que ocorreu no final do ano passado. Além disso, seria crucial ganhar mais alguns pontos na inflação. Uma mudança na política salarial poderia ajudar — e nisto há consenso entre as autoridades econômicas —, mas ninguém acredita muito seriamente na possibilidade que isto aconteça num ano eleitoral. A conclusão deste raciocínio é inequívoca: se for preciso sustentar mais alguns meses de sacrifício, inclusive no nível de emprego, paciência. "Não há fórmulas mágicas para sair da crise", conclui esta alta fonte do Banco Central.

O espaço para crescer em 1982

por Celso Pinto
de Brasília

O governo dispõe de uma margem de manobra, no próximo ano, que não tinha em 1981: as importações podem crescer algo entre 16 ou 18% e, mesmo assim, a balança comercial poderá ser superavitária em US\$ 2 bilhões ou US\$ 3 bilhões. Há, portanto, algum espaço para crescimento econômico.

O que se discute, internamente, é se é preciso algum estímulo para ocupar este espaço ou se ele será ocupado naturalmente, mantidas as atuais diretrizes.

No Ministério da Fazenda e no Banco Central as posições são mais cautelosas: estímulos adicionais poderiam comprometer os esforços nas áreas do balanço de pagamentos e da inflação. A ênfase nas exportações, os projetos de substituição energética e a agricultura garantiriam uma expansão de 3 a 4% do Produto Interno Bruto em 1982. Na Secretaria do Planejamento, não há consenso. Pelo menos dois dos principais assessores econômicos da Seplan

acham necessário algum estímulo, aplicado com prudência, através de gastos sociais, por exemplo, ou empurrando um pouco a construção civil.

O substrato desta divergência é o caráter da recente retomada das atividades econômicas. Estes assessores da Seplan imaginam que ela é estritamente sazonal e apoiada no esgotamento dos estoques industriais.

O desemprego não teria encontrado seu teto e poderia crescer um pouco mais no

início do próximo ano. Além disso, não haveria empuxo suficiente para garantir os 3 ou 4% do PIB em 1982.

Estes assessores, aliás, trabalham com estimativas bastante austeras para o crescimento deste ano. Supõem que a indústria terá crescimento negativo de uns 3 ou 4%, a agricultura cresceria uns 8 ou 9% e serviços outros 4 ou 5%.

O PIB ficaria próximo de zero.

Dados divulgados ontem pela Fundação IBGE revelam que a indústria, num período de 12 meses até agosto último, reduziu seu crescimento em 1,1%.

Haveria, assim, um momento exato para aplicar medidas e ele seria o início do próximo ano, especialmente em razão do temor de um maior desemprego. Um programa de gastos sociais localizado em algumas áreas mais críticas, calcula um deles, poderia demandar não mais do que uns Cr\$ 80 bilhões — ou cerca de 13% da expansão prevista para a base monetária em 1982. A inflação projetada, medida por trimestres, já caiu de 137% no início do ano para uns 88% neste terceiro trimestre. Deve fechar o ano num patamar trimestral de 85%.

O risco de um programa deste tipo comprometer a meta de fechar 1982 com 75 ou 80% de inflação seria mínimo, neste raciocínio.

Uma fonte credenciada do Banco Central concorda em que a recente reativação é sazonal, que o desemprego talvez não tenha atingido seu pico, mas discorda que haja espaço para arquitetar programas deste tipo.

Todo o esforço no próximo ano será cortar ao máximo gastos e subsídios de forma a garantir o máximo estímulo possível à exportação e projetos de substituição energética, além da agricultura. Precipitar programas de reativação seria perigoso do ponto de vista da inflação e do balanço. E os 3 ou 4% do PIB acabariam acontecendo, já que a base da expansão industrial

neste ano será muito baixa. O ministro da Fazenda, Ernane Galvães, e seu secretário geral, Carlos Viacava, apóiam a idéia da manutenção das atuais ênfases. (Ver página 3.)

No que todos concordam, e sustenta a discussão, é que haverá margem maior para as importações no próximo ano. O raciocínio é simples. Imagina-se um superávit comercial de uns US\$ 700 milhões neste ano, com US\$ 24 bilhões de exportações e US\$ 23,3 bilhões em importações. Na melhor das hipóteses, a que supõe uma taxa de juros internacionais mais baixa em 1982, as exportações poderiam crescer uns 25%. No mínimo e, sem grandes esforços adicionais, poderia manter o patamar histórico de 18 a 20%.

Nestes casos, para manter um superávit de uns US\$ 2 bilhões ou mesmo US\$ 3 bilhões no próximo ano, as importações poderiam crescer até 18%, na mais otimista suposição, ou uns 15 ou 16%, na mais cautelosa.

(Continua na página 3)